

Inuvicta *CINEMA*

ANO IX

N.º 180



HENRY CARAT

**SEMANARIO ILUSTRADO
DE CINEMATOGRAFIA**

PREÇO

50
c^{os}

AGUIA D'OURO

2.^A FEIRA

Grande acontecimento
cinematográfico

Apresentação sensacional

do célebre filme musi-
cal da Paramount

Um Rapaz Encantador

(IL EST CHARMANT)

O espectáculo mais alegre de todos os tempos

— COM —

HENRY GARAT

Meg Lemonnier e o comico Dranem

Realização de LOUIS MERCANTON

Musica de RAOUL MORETTI

O MAIOR EXITO DE PARIS!

O filme que está certo com as prefe-
rências, o gosto e a maneira de sentir
: : : do nosso publico : : :

O FILME FRANCÊS
que conquistou o mundo inteiro!

ESCLARECENDO

«Cinema» o nosso estimado colega que nesta cidade se publica sob a direcção do nosso camarada e bom amigo Alberto A. Pereira organizou um inquérito aos jornalistas cinematográficos de Portugal, afim de saber quais os dez melhores filmes da temporada transacta, por ordem decrescente.

A título de curiosidade, reproduzimos o resultado, inserto no penúltimo número daquela revista:

1.º Trágédia da Mina, 2.º Matou, 3.º Ruas da Cidade, 4.º Luzes da Cidade, 5.º O Congresso que Dança, 6.º Atlântida, 7.º Fatalidade, 8.º Traição, 9.º Trader-Horn e 10.º Marrocos.

Por aqui se conclue uma vez mais a preponderância do filme alemão que dia para dia vai ganhando maiores simpatias. Os americanos, se não se põem em guarda... continuam vencidos. Isto na opinião da critica.

Seria interessante agora ver a preferência do público. E' no que vamos pensar: Um inquérito aos nossos leitores.

Ernst Lubitsch que terminou para a Paramount *Trouble in Paradise* com Miriam Hopkins, é esperado em meados deste mês em Berlim.

E' interessante lembrar que Lubitsch começou a sua carreira de realizador na Alemanha onde dirigiu «Madame Dubarry», com Pola Negri.

Em mil novecentos e vinte e sete partiu para os E. U. não tendo até agora voltado á Europa. E' pois com impaciência que se aguarda a visita do apreciado cineasta.

Florelle acha-se restabelecida do acidente de automóvel sofrido há algumas semanas. Vai trabalhar numa revista de Paris, o que não quer dizer que deixe o cinema onde tão apreciada se tornou.

O título do novo filme de René Clair *14 de Julho festa nacional* foi substituído por *Désiré de Paris*.

Um novo filme deve ter sido estreado a semana última em Berlim—*O Hussar Negro*, com Conrad Veidt e Mady Christian.

Charles Boyer cuja interpretação em *Traição* não se esquece facilmente, foi contratado para o principal papel da versão francesa de *O Testamento do Marquês de Sade*, ao lado de Lilian Harvey a nossa rica madrinha. Na versão alemã é Conrad Veidt o que faz o papel que cabe em francês ao Ch. Boyer.

Ita Rina intérprete da *Sedução* (Erotikon) trabalha actualmente nos studios de Berlim no principal papel de *A Canção das Montanhas Negras*.

Fazendo fé numa agência de informação estrangeira, informava há semanas o «Mon Ciné» que Erich Pommer ia deixar a Ufa para trabalhar na América. O interessante semanário francês, diz agora que afinal isso não é verdade.

Erich Pommer acha-se ligado á Ufa por contrato até Julho do ano próximo e actualmente trata da realização de *I. F. 1 não responde e de Para mim o dia para ti a noite*. Depois *O Testamento do Marquês de S.*, achando-se já em preparativos para a realização dum outro filme.

NA CAPA Henry Garat tal como aparece no filme «Um sonho dourado»

A propósito do nosso artigo anterior—*Vida Nova*, alguém que não revelamos o nome, que se considera um cinéfilo penitente e que também escreve, nas horas vagas, «coisas» sobre cinema, endereçou-nos uma extensa carta protestando, indignadamente, quanto à nossa intenção...

Entre outras coisas adverte-nos que não devemos armar-nos em paladinos dos «magnates» (?) do cinema, nem tomar uma atitude de tolerância, como pretendemos, pois que, no final, o prejudicado será o público...

A esta carta melhor seria dar-lhe o destino das coisas inuteis, pois pelos juízos de quem a subscreve vemos alterados os pontos de vista e o critério que nos animou ao alinhar tal artigo. Mas, se a esta carta aludimos não é senão para reforçar os pontos de vista e o critério desse artigo e para esclarecer quaisquer espiritos que os tenham, por eventualidade, mal julgado.

Nesse nosso artigo não dissemos, nem podíamos dizer, pois seria contra os nossos princípios, que nos armavamos em paladinos dos «magnates» do cinema—entre nós os distribuidores e os exibidores—com o propósito de iludir o público...

Os conceitos expressos são bem claros!

A nossa colaboração é participar na luta de dificuldades de que a vida moderna está cheia—a que não fuge também a vida cinematográfica—sendo explicitos, imparciais—elucidando o público com são critério, sem nos deixarmos levar por desmedidas vaidades ou fatuosos rancões de que muitas vezes enferma a imprensa da especialidade.

O Cinema, já pela arte que concebe, já pelo lugar que ocupa na humanidade e pelo papel que representa como factor de civilização, deve ser julgado dignamente à altura da sua importância social com vastidão de critério—o mais homogenio possível.

Podem dizer-me, por exemplo, que a critica é livre, que os gostos não se discutem e que cada qual pode expressar como bem entender a maneira como julga e sente certo e determinado filme.

Parece à primeira vista de que tal exposição é absolutamente lógica e irrefutavel. Mas não é! Será talvez por esse principio de independencia pessoal que muitas vezes as opiniões divergem sendo até, em certos pontos, antagónicas... Porquê?

Se lermos atentamente essas criticas, observamos—tambem há excepções—de que lhes falta o essencial—a visão da arte.

O Cinema, propriamente, na sua acepção da palavra, como técnica, realisação, interpretação, fotografia, sonorisação, etc., merece apenas uma ligeira referencia, tão foruita que mal damos por ela...

—Em que se perde o critico?

—A divagar, enchendo colunas de frases que são quasi sempre dum exotismo e duma liberdade de conceitos muito censuraveis, onde se discute a personalidade do artista e nada refere do valor da sua arte.

Eu acho—como ainda não há muito tempo escrevi—que a vida privada dos artistas deve ser mostrada ao público apenas como curiosidade e nunca como apanágio ou censura da sua actuação artistica.

Não se deve dizer ao público que este ou aquêl filme é mau, só por nele vermos figurar uma estrela com quem pessoalmente não simpatizamos.

Muitas das criticas, pela maneira como são conduzidas, não atingem, como devia ser, o seu objectivo: o de serem elucidativas para o productor, para o realisador e para o artista... e atingem somente o distribuidor e o exibidor, quando estes, cinematograficamente, são inibidos de culpa e sofrem, ainda por cima, prejuizos consideraveis, pois por tais criticas o público convence-se de que o distribuidor só tem maus filmes e que o exibidor não se preocupa com a escolha dos seus programas.

Nesta nova época, sabemos, todos se interessaram, e muito, para dar ao público os melhores filmes produzidos recentemente, e até aqueles que ainda estão a ser confeccionados nos laboratórios, não se poupando, para isso, a grandes sacrificios...

Merecem, por tal, os nossos louvores, porque os merecem também do público.

Muito mais poderíamos dizer a propósito, mas limitamo-nos a ficar por aqui, não só por nos termos de cingir ao espaço que nos está reservado nesta revista, mas também porque julgamos que o que fica expresso é suficientemente elucidativo para aqueles que, como o penitente cinéfilo que nos escreve, mal interpretaram o nosso critério e a nossa finalidade.

TOMAZ D'ALENCAR.



VIVIENNE SEPLE é hoje pouco ou nada conhecida. Amanhã, quem sabe?, talvez conquiste uma fama universal. As «estrelas» surgem assim. Quando menos se espera vêem-se consagradas. Esta sua «pose» é digna de apreço e revela-nos um físico preponderante e propenso á conquista dum nome marcante. Que nós a vejamos ainda dominadora das multidões que acorrem aos cinemas, são os nossos desejos. Que saia um dia do cómodo officio de modelo de publicidade — como o de Anita Page. —

DA VIDA CINEGRAFICA

O Brasil, mercado para os filmes portugueses

Segundo o engenheiro A. P. Richard, director dos studios franceses de Epinay, ao serviço da Tobis Portuguesa, a entrada da futura produção nacional nos mercados do Brasil,

tem de fazer-se, custe o que custar, sejam quais forem as resistências que, por ventura, venham a opôr-se.

Gostamos, francamente, de tais palavras, que nos indicam da boa disposição em que se encontra a companhia portuguesa quanto ao aproveitamento, aliás necessário, dêsse grande mercado que é a nação irmã.

Um sistema de exploração bem estudado, assentando, não em areias movediças—e os exemplos pululam, infelizmente, para que se volte a repetir os mesmos erros—mas em alicerces bem sólidos, poderá, eventualmente, encontrar-nos uma segura e continua colocação para os filmes que viermos a produzir, desde que estes ofereçam, em troca, um valor artístico indiscutível—e disso não podemos duvidar.

Dizer que existe no Brasil uma má vontade declarada contra os filmes portugueses—é o que há de menos exacto. O Brasil recebe a melhor produção mundial, de studios europeus e americanos, estando portanto, habituado a ver filmes perfeitissimos; não é, pois, em nada estranhavel, que tenha aborrecido os filmes portugueses, que se tenna indisposto com a pobreza de filmes como «Nua!» «José do Telhado», «A Portuguesa de Napoles», etc. etc., pelliculas que nunca deveriam ter atravessado a fronteira.

E' claro que, com uma produção desta qualidade. não foi possível nunca criar simpatias, por muito boa vontade que tenha podido existir.

D'ái, porém, a dizer-se que o Brasil tem qualquer «parti-pris» contra os filmes portugueses, vai uma distancia rasoavel.

Que se levem até lá filmes de méritos irrefutaveis e a lenda cairá, mui naturalmente...

Esperemos, pois A Companhia Portuguesa de Filmes Sonoros Tobis-Klangfilme, que vai arrostar com a árdua tarefa da conquista definitiva do Brasil, há-de conseguir, sem dúvida, desfazer as más impressões que lá existem a respeito da produção portuguesa.

Como? Levando até lá uma série de filmes escrupulosamente realizados, como vai ser a sua produção. —N. C.

Nua ou vestida?

Exibe-se numa sala parisiense um filme alemão sobre «nudismo integral», tal como é praticado na Alemanha. No palco, durante o intervalo, apresenta-se uma joven e simpática bailarina, especializada em danças, no mais simples vestuário. E' portanto, um espectáculo corrente. A incoerência encontra-se porém, no programa, que anuncia essa atracção do modo seguinte:

«C. . A. . a mais nua das dançarinas, vestida por X...»
Nua ou vestida?

Filmes Alegres

Tem-se discutido imenso sobre se o público, no momento actual, prefere os filmes alegres e sádios ás obras de character accentuadamente dramático.

E' certo que os filmes comoventes exercem uma depressão irresistivel em todos os públicos, deixando-lhes por vezes impressões profundas que duram por largo tempo.

Por outro lado, os filmes alegres, as comédias espirituosas e movimentadas tem ad-ptos fervorosos, recrutados na multidão numerosa dos que vão ao cinema para esquecer durante algumas horas as agruias da vida, para rir á larga e embalar-se docemente na ilusão.

E' incontestável que o filme que alegra as almas, será por toda a parte coroado de successo porque, o intelectual como o pobre e o rico sabem reconhecer indistinctamente, a beleza do espectáculo alegre e saudável.

Aliança Poderosa

A «United Artists» acaba de firmar um importante contrato com a «British Dominion Film Corporation», com uma duração de três anos, segundo o qual a produção da companhia inglesa—doze grandes filmes por ano—será englobado no programa de distribuição da «United».

E' provável, pois, que tenhamos dentre em breve a exhibição entre nós de alguns filmes de origem britânica.

CINEMA BRASILEIRO

Um destes dias, o director apareceu na redacção, dizendo que era necessário escrever-se qualquer coisa sobre o cinema brasileiro. E logo os meus camaradas me lançaram a tarefa, defendendo-se com esta simples frase: o Alves da Cunha na qualidade de correspondente da «Cinearte» é, sem dúvida, de todos nós, o mais indicado para tal, porque deve ser também o que mais conhece do assunto.

É pronto. Não havia outro remédio, nem saída possível e eu tinha que escrever alguma coisa sobre o cinema dos nossos irmãos de além-atlântico. Tentei fazer o artigo, mas confesso-vos que a falta de conhecimentos palpáveis, que é como quem diz visíveis, não me permitiam de maneira alguma esboçar qualquer coisa de geito. Consultei a minha memória, por sinal nada resistente, e puz-me a magiar: o Cinema Brasileiro conta com a «Cinédia», o seu mais importante estúdio, em São Cristovam, um bairro atraente do Rio de Janeiro. E' lá o centro principal da actividade cinégraphica brasileira. Claro que ha mais estúdios, em S. Paulo, em Minas Gerais, em Paraná, no Rio Grande do Sul, etc.

Vamos para deante que isto vai indo: Quanto ao seu desenvolvimento, pelo que tenho lido e no que respeita a técnica, parece-me que ocupam lá um plano identico ao nosso, como aliaz em todos os outros países de pequena produção. O que julgo é que se trabalha mais. Há mais vasta produção.

Mas, esperai, nós já vimos um filme brasileiro—«Barro Humano».

Que me lembre, foi esta a unica pelicula do entrecho exibida nas nossas telas Confessemos francamente: o filme deixava muito a desejar, porque não possuindo sequer características evidentes de inconfundível nacionalidade que o impuzesse como uma obra pelo menos de raça, estava além disso, sob o ponto de vista técnico, insuficientemente construído. Fez-nos lembrar em tudo vários maus filmes portugueses.

Porque são raros os filmes brasileiros no nosso país não o sabemos; talvez por desleixo dos seus produtores descuidando o nosso mercado, talvez porque a sua confecção não prenda bastante os nossos compradores. Dada porem a fraternidade que liga Portugal e Brasil, seria para desejar uma apertada permuta que nos desse a conhecer melhor a produção daquele país, pois estamos convencidos de que nela deve haver filmes de merecimento.

E assim o cremos, porque ha no Brasil um rapaz moderno e empreendedor—Adhemar Gonzaga o creador do cinema brasileiro e a quem devem a «Cinédia». Ele voltou há pouco de Hollywood onde foi tratar de adquirir material necessário á realização de fonofilmes. Vê-se assim que lá, como cá, procura-se meter a produção á altura do progresso técnico actual.

A «Cinédia» dentro de pouco tempo dará aos cinéfilos do Rio, filmes sonoros e falantes. Entre eles *Ganga Bruta* que está sendo concluído. Eis tudo o que me ocorre momentaneamente sobre o cinema do Brasil, assim de memória, sem consultar documentos.

Uma ideia: vou «entrevistar» a «Cinearte» revista do Rio de Janeiro que a minha qualidade de correspondente põe ao alcance da mão. Agarro em vários números e começo por folheá-los procurando neles resposta ás minhas perguntas:

—Ora vamos lá a saber, o que é *Ganga Bruta*?

E' um numero com duas páginas de Cinema Brasileiro que me responde:

—*Ganga Bruta* entrou agora no periodo das suas derradeiras filmagens. Mas algumas semanas e o filme entrará no laboratorio que dará o ultimo retoque, seguindo á apreciação po público.

Ganga Bruta é um dos mais curiosos

filmes brasileiros até agora produzidos. O elenco é constituído por Durval Bellini, Déa Selva, Lú Marival, Alfredo Nunes e Andréa Duarte.

«Quanto á direcção, é desnecessário falar de Humberto Mauro. Quem o compreendeu em *Brasa Dormida* e *Tesouro Perdido* o seu verdadeiro género, sabe que *Ganga Bruta* sempre foi o argumento da sua predilecção. Vamos assistir ao primeiro filme brasileiro com uma fotografia perfeita de principio a fim, cheia de ângulos interessantes, e originais, com «avanços» e «reclós» de máquina, que nenhum filme ainda nos apresenta.»

Como, porém não me tivesse satisfeito em absoluto, continuei folheando a revista á procura de resposta, á minha absoluta curiosidade. E vejo numa página uma palestra de Humberto Mauro, o realizador da fita em questão, onde leio:

«E' um filme no qual procuro traduzir um ambiente nacional, dando-lhe uma história que permite a côr local e o tratamento que lhe emprestarão o cunho brasileiro.»

Estamos mais ou menos elucidados sobre o assunto. Preciso agora de dar uma ideia aos leitores da «Invicta-Cine» da importância de Adhemar Gonzaga. Na mesma palestra encontro satisfação ao meu desejo:

—Adhemar Gonzaga—o «Senhor dos Passos do Cinema Nacional», o batalhador impeterrito, o sonhador incrével do Cinema Brasileiro é o seu País Leme, o seu verdadeiro bandeirante. Gonzaga desde muito novo, já discutia sobre o Cinema Brasileiro, vendo na sua imaginação de creança, a possibilidade de dele existir um dia.

«Foi o primeiro coordenador das tentativas esparsas pelo Brasil referentes ao nosso Cinema, o que fez, acolhendo todos sem distincção nas colunas da revista «Cinearte» por ele fundada e dirigida. Conhecedor profundo da técnica do Cinema, quicá o primeiro que a estudou conscientemente, com o fim de applicá-lo no nosso país; muitos dos que hoje conhecem cinema tiveram os seus primeiros ensinamentos nas palavras de Adhemar Gonzaga.»

Continuando a minha «entrevista», vou passando pelas mãos vários outros numeros da revista, buscando agora saber da situação técnica do cinema do Brasil e da atitude do público em face da sua produção. E' outra palestra de Humberto Mauro a dar-me a resposta:

«O director de cena no Brasil ainda está longe de conseguir realizar os seus filmes tal como ele os imagina, isto pelo facto da nossa industria de filmes não contar os poderosos elementos economicos e financeiros de que dispõe essa mesma industria nos E. U. da America do Norte. E' fácil compreender-se. Deste modo é comum ao director brasileiro, «conscientemente», montar e fazer representar de maneira bem diversa, aquelas cenas que êle imaginou muito mais perfeitas e expressivas, tudo em consequência da falta de elementos de toda a ordem, ainda um tanto precários entre nós com relação aos de que dispõe a industria americana.»

Por isto se vê que o caso é idêntico ao nosso—falta de capitais e material suficiente. O defeito é o mesmo de todos os países pequenos produtores. Vejamos mais:

—O publico, em geral, já habituado ao condicionamento refinado da pelicula americana, não percebe esse lado difícil e ingrato do Cinema Brasileiro que tanto prejudica os nossos produtores e directores de resolverem muito das nossas possibilidades de imaginação e realização, tudo exclusivamente por deficiência de meios necessários.»

Pa-semos a vêr melhor o que há para produção de filmes no Brasil. De outro número folheado:

—O «Studio Cinédia» cuja organização

está quasi concluída e breve entrará no período de franca actividade propria, e ao mesmo tempo dos produtores independentes, de entre os quais Carmen Santos foi a primeira a utilizá-lo, filmando «Onde a terra acaba» e outra produção já delineada. S. Paulo tem a Byington, cujo estúdio se propõe oferecer-se aos trabalhos independentes. Ambos perfeitamente aparelhados podendo proporcionar aos produtores o material técnico necessário para uma produção normal, sem esquecer as exigencias que o filme falado veio impôr ao nosso Cinema. Chega-se á conclusão de que muito naturalmente a nossa industria cinematographica ficará breve localizada nestas duas capitais. Os produtores dos outros pontos do país, mercê da deficiência dos seus estúdios proprios, terão que utilizar-se dos estúdios centrais para poder acompanhar o progresso atingido pelos filmes feitos no Rio e em S. Paulo.

«Não desaparecerão, ainda que não venham buscar melhor instalações nos nossos primeiros estúdios, é certo, mas jamais poderão igular a qualidade dos modernos filmes brasileiros. Pernambuco tem sido, infelizmente, uma negação em cinema.

«Os melhores elementos de Recife, estão no Rio. Em Minas a «Phebo» de Cataguazes ainda não existe e pretende filmar. Mas o mais esforçado elemento do cinema Mineiro—Humberto Mauro—também está no Rio.

«O Rio Grande do Sul nada tem feito, apesar do número extraordinário de «fans» do nosso cinema que possui, sendo mesmo o Estado do Brasil onde se gosta mais do cinema.

«Mato Grosso tem a «Fam» que muito pode fazer de interessante aproveitando os ambientes inéditos do grande estado central. Mas, os seus proprios directores, vão utilizar-se dos recursos da «Cinédia».

(Conclui na ultima página)



CARMEN SANTOS

«Estrela» e produtora do filme
«Onde a terra acaba»

Várias pessoas tem defendido, em artigos, entrevistas e inquéritos a ideia de se ir buscar à nossa história motivos para a futura produção cinematográfica nacional.

Ora eu sou absolutamente contrário a isto.

Na verdade, é louvável, é mesmo quasi enternecedora a ideia de fazer reviver no celuloide os tempos áureos que lá vão.

Fazer filmes históricos é talvez a maneira mais prática de ensinar a muita gente que foi Vasco da Gama quem descobriu o caminho marítimo para a Índia, ou que D. Sebastião morreu em Alcacer-Kibir esquarterado pela moirama.

E' uma ideia muito interessante, muito simpática, mas, analisadas bem as coisas, não é aconselhável.

Vejamos alguns dos muitos inconvenientes que o demonstram claramente.

Em primeiro lugar — por ser praticamente o mais importante — temos o factor dinheiro.

O cinema em Portugal, para que um dia consiga uma posição de destaque e uma tanto quanto possível continuidade de produção, necessita de logo de início dar lucros, de inspirar confiança aos capitalistas.

Ora muito bem.

Um filme histórico, ou porque precise de uma figuração numerosa, ou de indumentária cara ou de *décors* dispendiosos, é quasi sempre um filme de custo elevado.

E' portanto difícil que um filme destes dê lucro, em virtude do mercado que espéra a produção nacional ser de tal forma pequeno.

Vejamos agora outro inconveniente, a que chamarei de ordem intelectual.

Um cinegrafista que queira transplantar para o cinema qualquer episódio da nossa história, tem de ir buscar — em virtude das exigências do gosto do público — um drama passional, quasi sempre de autenticidade duvidosa, ou pelo menos de romantizar a seu bel-prazer de modo a suavisar a esterilidade de qualquer facto histórico.

E assim, passaremos a vêr no écran a história de todas as Pompadours nacionais, teremos mais uma vez a figura romanticamente deturpada de Inês de Castro ou ainda qualquer facto de que apenas a lenda nos dá notícia.

O cinema iria desta forma continuar a obra das nossas escolas primárias, ensinando aos incautos

Pierre Brasseur, Lilian Harvey e Henry Garat, numa cena do fonofilme «Um sonho Dourado» que brevemente se estreia no Trindade, apresentado pela Agencia Cinematográfica H. da Costa, Limitada

MOTIVOS PORTUGUESES

POR FERNANDO BARROS

espectadores coisas e ideias erradíssimas a respeito do nosso passado.

E quando com intuitos de propaganda estes filmes fossem exibidos no estrangeiro, os efeitos não seriam menos deploráveis.

E' portanto muito mais lógico que, para começar, se façam filmes pouco mais que modestos, bem realizados, que sejam *cinema* e que dêem lucros.

E se não se proceder assim, digam para sempre adeus ao sonho do cinema português.

* * *

Outra coisa em que se ouve falar a cada passo é a adaptação ao filme de obras literárias dos nossos autores.

Aqui está uma ideia racional, embora exija imenso cuidado na escolha dessas obras.

E' que, se há livros que parecem ter sido escritos de propósito para o cinema, como por exemplo os *Emigrantes*, de Ferreira de Castro, outros há que em cinema nunca darão nada que préste.

Volta e meia há quem indique *Os Maias*.

Mas, ó senhores!, não há nada de menos cinematográfico do que este romance.

Um filme — a não ser que tenha

por realizador um Pabst, um Eisenstein ou outro da mesma categoria — necessita sempre dum argumento *cinematográfico* com movimento.

Ora o enredo deste romance de Eça de Queiroz é apenas uma coisa secundária; o livro vive, principalmente, da descrição dos tipos apresentados, da descrição duma sociedade que o grande escritor ridiculariza.

E assim, igualmente, quasi todos os livros do mesmo autor.

Neste momento só me recordo dum livro de Eça que daria um excelente filme, se fosse realizado por um René Clair: o *Mandarin*.

E onde arranjaremos nós, para já, um realizador da categoria do mestre francês?

Livros sobre cinema

Editados pela Librairie Garnier Freres, de Paris, está à venda um novo livro sobre cinema, que interessa sobretudo aos que se dedicam ao estudo da técnica do cinema sonoro.

Chama-se *Le cinema parlant* e é da autoria de Alfred Soulier.

Está dividido em três grandes partes: *Processos de registo elétrico de sons*; *Tomadas de vista e de sons* e *Aparelhos de projecção e de reprodução sonora*



HENRY GARAT...

UM RAPAZ ENCANTADOR

Um dia, num cinema, quis o acaso que eu ficasse colocado ao pé de duas raparigas deliciosas, síntese das raparigas modernas, que deixaram em casa, entregue aos cuidados da mamã, toda a parvoíce dos preconceitos, dos «não é costume» dos «parece mal». Vieram ao cinema só-sinhas e, muito sorridentes, muito à vontade, tagarelavam, alegres como dois pardalitos em liberdade. Eu não as conhecia. Mas, no intervalo, deixei-me ficar no lugar, preferindo escutar indiscretamente a conversa dessas duas raparigas, fingindo um ar indiferente de senhor fleunático, a vir cá para fora fumar um cigarro, passeando pelos corredores

Das boquinhas carminadas das minhas visinhas de cadeira, saltitavam risos garôtos e opiniões frívolas.

A certa altura, porém, uma delas lembrou-se que trazia, dobrado na carteira um «Cinemonde» antigo. Abriu a carteira, desdobrou a revista e mostrou-a à amiga. Cada fotografia sugeria um comentário, por vezes engraçado, por vezes justo, por vezes inesperado. E já quasi no fim, um Henry Garat, muito penteado, muito elegante e de sorriso «marôto» a borbulhar nos lábios, fê-las calar um instantezinho.

—Simpático não é?, disse uma.

—«Oh!... Um rapaz encanta-

dor!...», respondeu a outra com um leve suspiro.

Um rapaz encantador! Esta frase encontrei-a, depois, em muitas bôcas femininas, sempre que num círculo de raparigas eu pedia opiniões sobre o Henry Garat. Todas, quasi sem excepções a confirmar a regra, diziam a mesma coisa: gostavam dêste, simpatizavam com aquele, achavam bonita a voz do outro, mas o Garat merecia um sorriso especial e logo a exclamação: «Um rapaz encantador!».

Por isso, melhor título não poderia ser escolhido para o filme que na próxima segunda-feira Vocês vão ver no Aguia d'Ouro, e que é uma risonha história de amôr, com o perfume e a alegria da mocidade, de que Henry Garat é o protagonista.

Querem que vos conte? Então leiam:

Jacques é um belo rapaz, que a expensas dum tio rico, se encontra em Paris para tirar o curso de direito, mas a vida de verdadeiro estroina que arrasta leva-o a passar meses seguidos sem frequentar a Faculdade.

Depois de passar o Carnaval em franca orgia, Jacques resolve estudar porque terá o exame no dia seguinte. A fadiga, porém, vence-o e em vez de estudar, dorme.

No dia seguinte, a caminho da

Faculdade, encontra uma gentil rapariga que sem êle saber era sua colega de curso.

Promete a si próprio estudar e com o incentivo de Jacqueline que era uma aluna muito classificada e com enorme estima dos mestres, vai a exame.

Jacques ne consegue com enorme brilho a formatura e como vive só e precisa trabalhar, procura colocação.

Jacques por sua vez, recebe a visita do ajudante de seu tio que é notário em Riom e que exige que êle vá tomar conta do escritório.

Jacques, parte a ocupar o lugar de seu tio mas faz no escritório uma verdadeira revolução, modernizando-o de tal forma que mais parece uma casa de espectáculo que um escritório dum notário.

Jacques, precisa, porém, duma ajudante e por meio de anúncios recebe Jacqueline que ignora por completo quem é o notário. Ao reconhecer o seu antigo colega, Jacqueline, quer partir novamente para Paris mas nessa altura já era tarde porque o coração manda e o de Jacqueline ordenava-lhe que ficasse.

Ao lado de Henry Garat (isto é para vos consular, rapazes!), vai aparecer-vos uma das mais deliciosas artistas do cinema europeu: Meg Lemonnier, um passarito cheio de ternura, que a alvorada do amor perturba, fascina...

E' uma pequena encantadôra com quem apetece sonhar e que nos faz ter inveja, nos faz ter ciumes do Henry Garat... porque (o marôto!) pode enlaçar-la nos seus braços, pode beijar-lhe a bôca pequenina e apaixonada...

Quando nós, cá em baixo, olhando o écran, só a podemos ver como a rapoza da fábula via as uvas que achava verdes por não lhes poder chegar...

E agora um conselho de amigo. Se vocês querem na verdade passar duas horas risonhas e agradáveis, duas horas que vos encherão os ouvidos de canções lindas, duas horas que vos farão saudades, ide ver *Um Rapaz Encantador*.

X.

A vida de Rasputine

Maria Rasputine, filha do famoso Monge, faz parte da distribuição do novo filme que se vai realizar sobre a vida de seu pai, em Hollywood, com os irmãos Barrymore.

Uma interessante imagem do fonofilme de enorme êxito, «Um rapaz encantador», que na próxima segunda feira se estreia no cinema Aguia d'Ouro



Precisa V. E.^a de comprar

Rendas, Bordados, Meias,
Peugas, Lenços, Pentas,
Mantilhas, Botões, Gerseys
Pullover, Tecidos, etc.

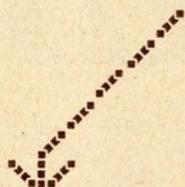
J. PINTO DE CARVALHO

1, Rua de Cedofeita, 3

P O R T O

TELEFONE, 809

**PROCURE
ESTA
CASA**



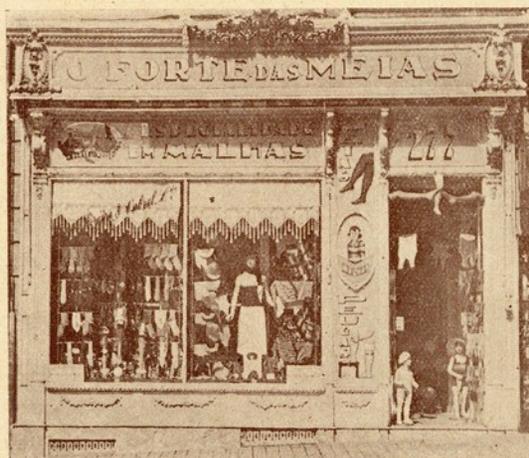
DE GRAÇA! MEIAS E LIBRAS

OFERECE AOS SEUS CLIENTES

O FORTE DAS MEIAS

Casa especializada em Meias, Malhas e Gravatas

- O Forte das Meias é que suplanta em frequencia selecta, pelo exclusivo das suas Meias
- O Forte das Meias em Malhas Chics, impõe-se com modelos da sua criação.
- O Forte das Meias, é que marca em Gravatas com padrões de alta novidade.



no proprio interesse de V. Ex.^a não compre Meias
Malhas e Gravatas sem ver os nossos preços

Gilets de lã c/ manga . .	45\$00
Meia de seda s/ defeito . .	4\$00
Peugas, fio de Escocia . .	2\$50
Gravatas, fino gosto . .	3\$50

O NOSSO RECLAME

SÃO OS PREÇOS SUAVES...

Rua Sá da Bandeira, 277



HENRY GARAT, vai aparecer-nos em «Um Rapaz Encantador» e «Um sonho dourado»
MAURICE CHAVALLIER, em «Uma Hora Contigo» e «Ama-me esta noite»

QUE ESPÉCIE DE GALÃS PREFERIS?

Realizar filmes não é a mesma coisa que deitar chocolate em uma chávana, como o publico julga. Mesmo quando se possui um bonito, complicado e interessante argumento e uma ideia aproximada de quanto será necessário dispender-se para transportá-lo para alguns quilômetros de película, há todavia ainda muito caminho espinhoso a desbravar, antes de se dar início à realização. Vejamos um exemplo.

Por méra casualidade, entrei há dias no escritório de certo superintendente de um importante estudio, que fui encontrar numa acalorada discussão com um director e com um autor.

—Há bulha lá dentro?—preguntei à secretária antes de entrar.

—Não; estão tratando da distribuição de papeis para um filme.

Assim prevenido, entrei.

O autor e o director estavam em mangas de camisa. O superintendente passeava de um lado para o outro movendo os braços em grandes gestos.

—Você está completamente enganado, dizia o director. Digo-lho que as mulheres são pelos actores grosseiros e o que necessitam para esta película é um mata-sete. Rude, violento, capaz de esbofetear qualquer e fazer o amor —suavemente.

—Isso está a um milhão de léguas do que eu imaginei,—gritava enfurecido o autor. John Carver é um tipo académico, cortez a própria cultura em pessoa. E você está louco em afirmar que as mulheres gostam de um homem das cavernas como figura principal. Toda a mulher experiente sonha que chegue o dia em que um trovador cavalheiresco a corteje com o maior respeito.

—Se não cessarem de argumentar, enlouquecer-me-ão,—protestava o superintendente. E, contudo, vocês estão enganados. As mulheres idealizam um galã jovem, garboso, oportuno, que seja capaz de raptá-las em dado momento. Poremos Bill...

Não necessito de aborrecer-vos, relatando o que disseram durante duas horas. Sete pessoas esperavam para falar com o superintendente; uma película, que o director tinha

em realização, ficou suspensa e o autor chegou com uma hora de atraso a outro estudio onde tinha uma conferencia. Não consegui saber a que conclusão chegavam, porque os abandonei no momento em que sugeriam entregar o assunto a um arbitro. Não sei se puderam encontrar algum.

Todavia, como o assunto me pareceu importante, saí do estudio para investigar, fazendo perguntas a diversas damas de diferentes categorias. A primeira foi uma creada do restaurante do estudio. Era uma beleza, tranquila, com ar senhorial e muito diligente. É provavel que tenha vindo para Hollywood com a ideia de entrar para o cinema —como tantas outras.

«Gosto de homens energicos», confessou. «Não me sugestiona um tipo delicado e com bigode. Impressiona-me, sim, um actor que, embora vestindo camisa de algodão, actua com energia. Sou partidária de Victor McLaglen em algumas das suas fitas.

«Então gosta do tipo do homem primitivo?»

«Ah! não diria precisamente isso; não gostaria que um homem me maltratasse para dar-me um beijo, mas quereria que procurasse fazê-lo. Um filme de genero adocicado é como um ovo sem sal, não lhe parece?»

Há uma caixa em certo estabelecimento de comestiveis de Sunset Boulevard, verdadeiramente chistosa, que tem saídas muito oportunas para os rapazes que procuram fazer chalaça com ela.

«Quando vê um filme, que tipo de galã lhe agrada mais?» perguntei—tendo tido a precaução de levar comigo a minha esposa.

«A mim? Bom; isso depende. Se fôr um grande drama de amor, agrada-me sempre o heroi que trabalhe como um submarino. Refiro-me ao jovem semelhando um corpo delicado, mas que seja capaz de levar ao tapete o campeão de pesos pesados. Entende-me?! Não gosto de tipos afeminados e, nestes tempos deve-se saber falar. Gosto dêsse tipo de rapaz que, tendo passado pelas aulas universitárias, não se tenha deitado a perder, e não gosto de tipos fingidos, tampouco. Creio que Ronald Colman é o género de galã que

prefiro. E' tranquilo, ninguém lhe mete gato por lebre e não tem riso de cavallo; como de-testo êsses tipos que têm riso de cavallo!!»

Proximo ao Hollywood Boulevard há um escritorio de corretagem dirigido por uma jovem, muito esperta, que veste com simplicidade, mas elegantemente. É uma graduada de uma universidade canadiana e em tempos teve ilusões de um contrato para o cine.

«Gosto de um homem forte», disse-me. «Não me importa que trate com dureza os outros homens, mas não quero vê-lo tratar as mulheres ásperamente. Não tenho simpatia pelo tipo que julga que uma rapariga gosta de ser «surpreendida», já sabe ao que me refiro. Que seja limpo, embora mal parecido, se êsse papel lhe corresponde no filme, mas não gosto que seja asqueroso. Nenhuma mulher gostará. Alguns directores insistem para que os seus galãs apareçam pouco acieados, mas prejudicam os seus filmes mais do que imaginam. Veja—aqui ruborizou-se um pouco—toda a mulher, de quinze ou de cinquenta anos ou de oitenta—coloca-se mentalmente na situação de heroína; no mais recondito do seu ser afigura-se-lhe sempre quão agradável seria que a tomassem nos braços e a beijassem. Desejo ver um homem que pareça ter algumas qualidades pessoais. A quem me refiro? Creio que Edmund Lowe é o tipo do meu galã favorito».

Uma secretária de uma grande firma de advogados, que fui entrevistar, disse-me:

«Creio que as mulheres favorecem o tipo grosseiro sempre que seja divertido e, em todo o caso, humorístico, mas livre de todo o rastro de brutalidade. As mulheres detestam a brutalidade, pelo mêdo que lhes causa. Se examinarem a fundo a natureza da mulher, pode ver-se que tem mais mêdo de algo do que de todas as outras coisas e os tipos grossieiros excitam nela êsse mêdo. Quando os vê na tela, podem causar-lhe impressão—êsse certo mêdo que a faz encolher os dedos dos pés dentro dos sapatos, mas, e isto é certo, a menos que ela não se incline, causar-lhe-ão temor. E, por amor do Padre Eterno,

(Conclui na ultima pagina).

ANO X
N.º 180
Porto, 5-- Novembro-- 1932

INVICTA CINE

SEMANÁRIO — DE — CINEMATOGRAFIA

REDACÇÃO: — Rua das Musas, 45

PORTO — PORTUGAL

Director: Roberto Lino — Propriedade: Emp. Invicta Cine

Visado pela
C. de Censura

Comp. e Imp.—Diário do Porto

EDITOR
João Soutinho de Oliveira
ADMINISTRADOR
Joaquim A. Teixeira
COLABORADOR ARTISTICO
Fernando Lacerda

REDACTORES
J. Alves da Cunha
Fernando Barros
Emilio Loubet
Novais Castro
C. Vasconcelos

QUE ESPECIE DE GALÃS PREFERIS?

(Conclusão)

porque é que os fazem aparecer andrajosos, vulgares, quasi bestias e ainda esperam que as mulheres gostem dêles? Um artista, ainda que fale o melhor inglês ou vista os mais vigorosos trages de etiqueta, acerca-se muito do ideal da mulher. Charles Farrell ou Johnny Mack Brown são os meus preferidos.

Num dos hotéis do Boulevard vive uma senhora cujo esposo foi um diplomata americano, tendo vivido em quasi todas as capitais da Europa, da Asia e da America do Sul. É uma mulher da sã cultura, com uma grande compreensão da vida, sendo duas ou três vezes avó, embora pareça não ter chegado ainda aos cincoenta.

«Agrada-me o tipo anglo saxon. É o favorito das mulheres de mais de vinte o que que não quer dizer que não lhes agrade o tipo do amante galante. Refiro-me ás mulheres norte-americanas, a menos que padeçam de algo sobrenatural, todas sonham com um homem que, tomando-lhes as mãos, as beijem. Do tipo vilão ou cavalheiroso? Isso depende da própria mulher e da maneira como tiver sido educada. Porem, como regra geral, creio que todas as mulheres são idealistas e preferem um rapaz cortês e formoso, de belo caracter. Creio que Clive Brook personifica esse heroi admiravelmente. Não creio que cinco por cento das mulheres que vão ao cinema gostem do tipo do homem primitivo; talvez tenham curiosidade por êle, porém ela deve ser tambem misturada de certo medo.»

Uma jovem, filha de um amigo meu que acaba de completar desassete anos e que é o prototipo das mulheres da sua idade, diz-me, entre sorridente e séria:

«Adoro sobretudo Maurice Chevalier e o seu eterno sorriso adorável de optimismo; é maravilhoso e creio que a maioria das raparigas são suas partidárias acérrimas. Agrada vê-lo fazer amor, gentilmente, sorrindo sempre. A mocidade tampouco deseja

tomar conhecimento com a desventura que muitos outros encarnam.»

Uma empregada de uma perfumaria de New York, que veio da Russia há cinco anos, diz-me. «De todos os galãs que vejo, prefiro os homens altos, de maneiras correctas e aborreço os histericos. Devem ter força, vigor e ser positivos. Não gosto do homem primitivo que pretende atropelar as mulheres. O meu favorito é Gary Cooper. Tambem gosto de outros, porém não devem ser demasiado toscos e actuar naturalmente.»

Uma jovem francesinha, acabada de desembarcar do «Ile de France»; responde-me sorridente e surpreendida:

«Gosto infinitamente dos galãs jovens, de pouco mais de duas dezenas, alegres, sportivos, capazes de conduzir um auto a cem á hora e atenciosos, gentis para com as mulheres. Henry Garat é essa especie de galã que tem toda a minha simpatia.»

E vós, simpaticas e gentis leitoras, que pensais a este respeito? Que especie de galãs preferis?!

C. Mc. C.

Pudwkin foi eleito presidente da «Associação dos Trabalhadores de Cinema».

O notavel cinéasta russo vai dirigir um filme intitulado «O Desertor».

A «Academia Cinematográfica de Hollywood» conta hoje oitocentos membros. Claudette Colbert, Miriam Hopkins, Wynne Davis são os mais recentemente admitidos.

CINEMA BRASILFIRO

(Conclusão)

Não me contento até aqui e procuro conhecer mais. Um aspecto sempre interessante — a questão das «estrêlas».

Que há? Vou correndo a vista por páginas diferentes, ilustradas algumas, com cera prolixidade, de artistas brasileiros. Está bem assim. Neste ponto, a imprensa brasileira é mais condescendente, fazendo uma propaganda vasta dos seus artistas, lembrando a cada momento a sua existência. Ao contrário do que se faz por cá, que se assassina com a indiferença, dando azo a que ao realizar-se um novo filme o director indicado se não lembre dêles, creando novos.

Vejo algumas notas e constato uma pleiade, um tanto consistente de intérpretes, cada um com uma razoável carreira. Carmen Santos, parece-me a mais notável — é pelo menos a mais reclamada com constantes fotografias publicadas. Procuro alguma coisa a seu respeito, nas palavras dum jornalista:

— «Carmen Santos há doze anos, quando eu mantinha a primeira revista teatral e cinematográfica que no Brasil se editou, «Palcos e Telas», garota ainda portante e linda de encantar, entrou pela redacção e perguntou por mim, a mim mesmo, declarando muito a sério que queria ser «estrêla» de cinema. Rime bastante com éla. Pois nestes doze anos decorridos, muito tem éla chorado por causa do cinema.

«Com uma tenacidade invejavel, desde então, procura pôr em prática as suas ideias, tendo feito meia duzia de filmes e gasto duas ou três fortunas. Está agora mais animada do que nunca, pois que se apoiou em Adhemar Gonzaga, ou melhor nos estúdios da «Ciné-dia», onde conclue *Onde a terra acaba*».

Ficamos por aqui. Parece-me ter dado ao menos, uma pávida ideia do estado da produção brasileira,

J. ALVES DA CUNHA

BONUS

Oferecido aos leitores da INVICTA pelas Ex.ªs Empresas dos Cinemas:

AGUIA D'OURO

50 % de desconto em todos os lugares na matinée de 12 de Novembro de 1932.

OLYMPIA

50 % de desconto em todos os lugares nas matinées dos dias 10 ou 12 de Novembro de 1932.

O DEON

50 % de desconto nos lugares de Fauteuilles e Balcão no dia 12 de Novembro.

As crianças que por ventura forem acompanhadas do portador deste BONUS, não têm direito a entrada gratuita.

≡ S. JOÃO CINE ≡

Apresenta na próxima 2.^a feira o filme historico de grande espectaculo

≡ O CONCERTO RIAL DE SANS-SOUCI ≡

Super-produção da UFA, de Gunther Stapenhorst, realização de Gustav Ucicky, com:

RENATE MULLER, OTTO GEBUHR e HANS REHMAN

Um espectaculo deslumbrante de riqueza e de luxo!

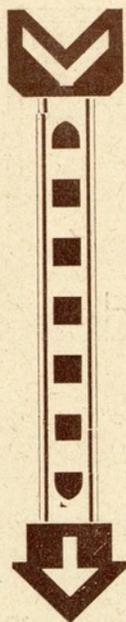
Um filme de rasgos de audacia e de figuras heroicas!

Toda a galanteria e toda a elegancia do seculo XVIII

PROGRAMA DA

≡ AGENCIA CINEMATOGRAFICA ≡
H. DA COSTA, L^{DA}

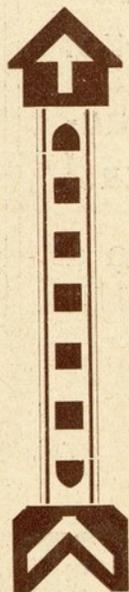
CASTELO LOPES, L.^{DA}



A firma detentora dos
melhores filmes europeus
e americanos, apresenta
brevemente no Agua
d'Ouro a super-produção
da United Artists

UM HOMEM DE NEGOCIOS

(REACHING FOR THE MOON)



Uma alta comédia reple-
ta de acção, luxo, espi-
rito e sentimento. Criação
dos famosos artistas

DOUGLAS FAIRBANKS

E

◀ BEBE DANIELS ▶